



RELAÇÕES DIALÓGICAS E VALORAÇÃO NOS DISCURSOS CONTRA A IDEOLOGIA DE GÊNERO: ENTRE A LIBERDADE DE EXPRESSÃO E A RELIGIÃO

Dialogic relations and appraisal in the discourse against queer theory: between freedom expression and religion

LUCIANA FERNANDES NERY¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivos: observar os discursos que se apresentam contra a ideologia de gênero, analisando como tais discursos refratam e valoram a temática em questão e ainda analisar como os discursos religiosos são retomados, observando as relações dialógicas presentes. Para a análise dos dados, nos ancoramos nos estudos de Bakhtin (2011, 2016) e seu Círculo, sobretudo nas concepções de dialogismo e valoração. Diante dos dados analisados, percebemos que os discursos apresentados contra a ideologia e a favor da família se apóiam no discurso religioso para enfatizar determinados posicionamentos e valorar o que é dito.

ABSTRACT: This work aims to observe the discourses against queer theory, analyzing how these speeches refracts and how they value the thematic. In this way, this work equally aims to analyze how the religious discourse reflects this position against queer theory, considering the dialogic relation between discourses. Furthermore, Bakhtin's (2011; 2016) works and his circle supported this study, above all, this work used mainly the author's concept of dialogism and appraisal. Considering the data analyzed, we could note that the discourses presented against queer theory and the discourses in favor of the family are supported by the religious discourse to emphasize determined positions and value the speeches.

PALAVRAS-CHAVE: Relações dialógicas. Valoração. Ideologia de gênero.

KEYWORDS: Dialogic relations. Appraisal. Queer theory.

NERY, L. F. Relações dialógicas e valoração nos discursos contra a ideologia de gênero: entre a liberdade de expressão e a religião. In. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out.-dez., 2019.

¹ Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Participa do grupo de pesquisa CIDADI- Círculo de Discussões em Análise do Discurso. Professora efetiva da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN. lucianafernandesnery@yahoo.com.br





CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O termo ideologia de gênero surgiu em Pequim, no final dos anos 90, numa conferência da ONU (Organização das Nações Unidas) para demarcar a diferença entre a sexualidade e a identidade de gênero. A partir desta distinção, expandiram-se as discussões em torno da sexualidade e o que nos define como homem ou mulher, o que, segundo os defensores da causa, não é definido logo após o nascimento. No Brasil, os debates em torno da ideologia de gênero intensificaram-se nos últimos tempos, sobretudo, ao ser retirada da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a abordagem em torno de temas relacionados ao gênero e orientação sexual. O Conselho Nacional de Educação (CNE), ao acatar a decisão do MEC (Ministério da Educação e Cultura), justificou que o tema tinha sido alvo de grandes embates durante a elaboração da BNCC. Com isso, deixa de ser incumbência da escola abordar as questões relacionadas à diversidade sexual, bem como o respeito, a igualdade, a tolerância e o preconceito contra aqueles que não se inserem no grupo da heteronormatividade.

É comum vermos posições conservadoras que defendem que as questões de gênero não deve ser um tema a ser discutido na escola. Diante disso, surgiram em diversos estados, municípios e países, leis que proíbem qualquer atividade pedagógica que visem discutir o assunto. Os defensores de tais projetos de lei, apoiados em discursos advindos de algumas religiões, alegam que tratar da ideologia de gênero é estar em desfavor da família e estimular as crianças a assumir a homossexualidade, o que, segundo a Bíblia, constitui um pecado.

A identidade de gênero é uma construção social associada à preferência ou variação sexual e inclui as denominações homossexual, heterossexual, transsexual, pansexual, bissexual, dentre outros. É importante destacar a luta do grupo LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais e intersexuais) para que haja um maior respeito e aceitação desse público, sendo inclusive necessária a criação de leis, como é o caso do Estado da Paraíba, que através da Lei 7.3009/2003, proíbe e pune qualquer forma de discriminação por orientação sexual. Como se vê, as discussões em torno das questões relacionadas à ideologia de gênero têm sido bem amplas. No entanto, frequentemente, nos deparamos com diferentes





posições que defendem, opõem-se e até condenam tal questão considerando como uma afronta ao modelo de estrutura familiar tradicional.

Considerando, conforme Bakhtin (2016), que há em todo discurso algo que o antecede e o sucede, muitas campanhas contra a ideologia de gênero estabelecem relações dialógicas com o discurso religioso. Diante disso, defensores de concepções cristianistas, sobretudo católicos e evangélicos, apoiados neste discurso, lançam campanhas contra a ideologia de gênero e a favor da família. Nesse contexto, elencamos, para este trabalho, os seguintes questionamentos: a) Como se apresentam os discursos que se posicionam contra ideologia de gênero? b) Quais as relações dialógicas apresentadas nos discursos contra a ideologia de gênero? c) Como o discurso do outro é trazido para valorar o que é dito? Perante tais questões, objetivamos observar os discursos que se apresentam contra a ideologia de gênero, analisando como tais discursos refratam e valoram a temática em questão e ainda analisar como os discursos religiosos são retomados para uma defesa contra a ideologia de gênero, observando as relações dialógicas presentes.

Para a constituição do *corpus* deste trabalho, utilizamos 2 (duas) postagens (imagens) e comentários de páginas do *Facebook* que se opõem à ideologia de gênero. Para a análise dos dados, nos ancoramos nos estudos de Bakhtin (2011, 2016) e seu Círculo, Fiorin (2006), Silva e Francelino (2017), dentre outros. Para sistematização da discussão que faremos nesse artigo, primeiramente, apresentamos algumas considerações teóricas com ênfase nas concepções de dialogismo, discurso de outrem e valoração. Em seguida, a partir da teoria dialógica do discurso, analisamos o *corpus* selecionado. Diante das imagens e comentários analisados, podemos destacar que os discursos apresentados contra a ideologia e a favor da família se apóiam no discurso religioso para valorar o que é dito e defender um ponto de vista sobre um aspecto que vem sendo bastante discutido na sociedade.

1. AS CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN E SEU CÍRCULO PARA OS ESTUDOS DO DISCURSO





Bakhtin (2016) e seu Círculo concebe que as unidades da língua constituem o objeto de estudo da Linguística. Para o autor, entretanto, a língua é considerada viva e concreta, portanto, a unidade real da comunicação é o enunciado, “porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 28). Falamos por meio de enunciados que apresentam um estilo, uma forma composicional e um conteúdo temático relacionados a um esfera da atividade humana, denominados de gêneros do discurso. Desse modo, uma única palavra será plena de sentido desde que se considerem os elementos da enunciação. Assim, não há significação se o enunciado for considerado isoladamente. É preciso observar não apenas os aspectos morfológicos, sintáticos, mas, sobretudo o contexto extraverbal. Segundo Volochinov (2013) esse contexto compreende o horizonte espacial compartilhado pelos falantes, o conhecimento e a compreensão comum da situação e a valoração compartilhada pelos sujeitos da situação. A enunciação se apóia no que é visto, no que faz parte do conhecimento do sujeito e no que é avaliado conjuntamente.

Uma das principais contribuições da teoria bakhtiniana é a concepção do dialogismo como um princípio constitutivo da linguagem. Com isso, percebemos que toda palavra dialoga com outras já existentes. Não existe um discurso novo, no dito há sempre um já-dito. Conforme apresenta Bakhtin, não existe o Adão mítico, ou seja, aquele que utilizou o discurso pela primeira vez. Portanto, concordamos com a afirmação de que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2016, p. 26). Desse modo, um enunciado é sempre permeado pelas relações dialógicas.

A partir desta concepção, Fiorin (2006) apresenta três conceitos de dialogismo. O primeiro é a constituvidade dialógica do enunciado, “nele ouvem-se sempre, ao menos duas vozes” (FIORIN, 2006, p. 24). Deste primeiro conceito, depreende-se a relação de um enunciado com outros enunciados, mas também uma atitude responsiva dos sujeitos, uma vez que, ainda conforme o autor, nele atuam forças centrípetas e centrífugas. As primeiras tendem para uma centralização e unificação e, as segundas, criam uma desestabilização. São estas





forças que nos levam a remeter a enunciados já existentes e perceber o que está na ordem do repetível, mas também observar a partir do já-dito o que constitui um dado novo, singular.

O segundo conceito de dialogismo “trata-se da incorporação pelo enunciador da voz ou das vozes de outro(s) no enunciado.” (FIORIN, 2006, p. 32). Há duas formas de incorporar o discurso do outro: uma em que tal incorporação aparece explicitamente (discurso objetivado) e a outra que não aparece nitidamente (discurso bivocal). Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2005) tem como objetivo principal estudar o discurso bivocal. Para o autor, toda palavra ou discurso bivocal contém mais de uma voz: a minha e a do outro. A bivocalidade é justamente a possibilidade de uma voz abrigar outras vozes.

O terceiro conceito de dialogismo está relacionado à construção da consciência do sujeito que se dá a partir das relações sociais com outros sujeitos. Desse modo, “o sujeito vai se constituindo discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso e, ao mesmo tempo, suas relações inter-dialógicas” (FIORIN, 2006, p. 55). A consciência não é um produto isolado, mas, dá-se a partir da interação entre muitas consciências. Eu só tomo consciência de quem eu sou me revelando para o outro, não posso construir para mim uma relação sem o outro (BAKHTIN, 2005).

O conceito de dialogismo permeia todas as obras de Bakhtin, pois a concepção do discurso apresentada pelo autor é entendida como uma réplica, que se forma na interação com o discurso do outro. Diante disso, é importante destacar que

[...] Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade e de assimilabilidade, de uma de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, 2016, p. 54)

Diante das afirmações do autor, concordamos com o fato de que os discursos não são originais, pois apresentam ecos e ressonâncias de outros





discursos. No entanto, ao trazer a palavra do outro para a minha palavra, há uma reformulação desse dizer, uma vez que tal palavra é valorada de acordo com o contexto, com as nossas posições sociais e ideológicas. Todos estes aspectos influenciam na formulação do dizer e imprimem ao discurso um certo grau de novidade. Portanto, para analisar um enunciado é preciso atentar para o discurso do outro que exige do ouvinte uma atitude responsiva. Sobre essa questão, Bakhtin (2011) ressalta que:

Por palavra do outro (enunciado, produção de discurso) eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, é qualquer outra palavra *não minha*. Nesse sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro (...). A palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-la (essa tarefa não existe em relação à minha própria palavra ou existe em seu sentido outro). (BAKHTIN, 2011, p. 379, grifos do autor)

Portanto, o sujeito é sempre levado a fazer uma avaliação, quer seja para concordar, discordar, emitir um julgamento, uma crítica. Mesmo que não haja uma compreensão, há sempre uma resposta. Ao assumir esta postura valorativa, imprimimos os nossos valores e assumimos uma posição diante do objeto. Corroborando com esta ideia, Volochínov (2013, p. 168) afirma que “[...] todo discurso é dialógico, dirigido a outra pessoa, à sua compreensão e à sua efetiva resposta potencial”. Desse modo, os sujeitos, ao buscar compreender um enunciado, imprimem uma avaliação. Assim sendo, ao produzir um enunciado deve-se considerar o destinatário, quem será o ouvinte e que valores sociais podem ser atribuídos, pois “ao construir o meu enunciado, procuro defini-lo de maneira ativa; por outro lado, procuro antecipá-lo e essa resposta antecipável exerce por sua vez uma ativa influência sobre o meu enunciado”(BAKHTIN, 2016, p. 63). Logo, não há como produzir um enunciado sem levar em consideração o endereçamento. É este aspecto que definirá o estilo do enunciado, as estratégias discursivas e o gênero a ser produzido.

Volochínov (2013) também destaca que para a enunciação realizar-se é sempre preciso a presença do falante e de um ouvinte, isso que dizer que o nosso





discurso é sempre orientado para o outro. Além disso, a enunciação é sempre situada, pois,

Não compreendemos nunca a construção de qualquer enunciação por completa e independente que ela possa parecer – se não tivermos em conta o fato de que ela é só um momento, uma gota no rio da comunicação verbal, rio ininterrupto, assim como é ininterrupta a própria vida social, a história mesma (VOLOCHINOV, 2013, p. 158).

A compreensão de qualquer enunciação exige do sujeito o entendimento do tempo, do espaço e do gênero produzido. Além disso, uma mesma palavra pode ter sentidos diferentes a partir da entonação dada em cada contexto. Ao ser dita num determinado momento, tempo e lugar, cada palavra apresenta valorações diferentes, por isso é preciso observar os não-ditos expressos através do que é dito linguisticamente. Bakhtin (2016) ainda acrescenta que o enunciado apresenta três peculiaridades: a alternância dos sujeitos, a conclusibilidade e a relação do enunciado com o falante e com outros participantes da comunicação discursiva. A primeira diz respeito à possibilidade de o outro assumir o lugar no discurso. “O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão responsiva” (BAKHTIN, 2016, p. 29). A conclusibilidade é um dos traços fundamentais do enunciado e está diretamente relacionada à alternância dos sujeitos e consiste no ato de resposta. São estas peculiaridades que distinguem o enunciado de uma oração, pois envolve toda a situação discursiva: falante, ouvinte, contexto e, sobretudo, a língua em sua concretude. A terceira peculiaridade “refere-se a relação do enunciado com outros enunciados - aqueles aos quais o enunciado do sujeito responde e aqueles ainda nem existentes, mas aos quais o enunciado que ora se forma suscita uma resposta” (KEIMAC, 2017, p. 24).

Para analisar os discursos que se manifestam através dos enunciados é preciso considerar a sua constituição num determinado espaço social e partir disso como os discursos são refratados e valorados de acordo com a posição ideológica dos sujeitos. De acordo com Pereira e Rodrigues (2014), os nossos discursos são construídos e reconstruídos de acordo com os valores que





atribuímos. É essa relação valorativa que, conforme aponta Bakhtin (2003), nos leva a escolha do gênero, dos itens lexicais e do estilo. Portanto, analisar um enunciado a partir das contribuições de Bakhtin e seu Círculo significa atentar para as relações dialógicas que o constituem, uma vez que um enunciado sempre retoma outros enunciados nos quais são impressos valores sociais imbricados de uma atitude responsiva. A partir desta concepção, analisamos, na seção seguinte, os discursos contra a ideologia de gênero.

2. Relações Dialógicas e Valoração nos discursos contra a Ideologia de Gênero

Para a análise dos discursos apresentados contra a ideologia de gênero, conforme já explicitamos, selecionamos 2 (duas) postagens (imagens) e comentários de páginas do *Facebook*. Partindo do princípio da natureza dialógica do discurso, elencamos os seguintes questionamentos: a) Como se apresentam os discursos que se posicionam contra a ideologia de gênero? Quais as relações dialógicas apresentadas nos discursos contra a ideologia de gênero? c) Como o discurso do outro é trazido para valorar o que é dito?, conforme apresentados anteriormente.

Diante de tais questões, elegemos para análise as seguintes *fanpages* do *Facebook*: “Não a ideologia de gênero”, “Diga não a ideologia de gênero” e “Brasil, contra a ideologia de gênero, Brasil a favor da família”. É importante destacar que as postagens feitas nessas *fanpages* apresentam, principalmente, imagens que ressaltam os discursos contra a ideologia de gênero. Além disso, há também vídeos, reportagens e campanhas contra as empresas que defendem tal aspecto. As *fanpages* selecionadas apresentam em sua descrição que são contra a ideologia de gênero, a erotização infantil e a pedofilia e que são a favor da família nos moldes tradicionais.

Como procedimento de seleção dos dados, fizemos primeiramente uma busca das páginas do *Facebook* que se posicionavam em relação à ideologia de gênero. É importante destacar que a maioria das *fanpages* encontradas se apresentam contra e, mesmo as que não se intitulam explicitamente, as





postagens demonstram um posicionamento contrário ao assunto. Outro aspecto importante é que nas páginas selecionadas, os comentários raramente são feitos e quando isso acontece também não se opõem ao que é dito. Somente quando as pessoas compartilham em seus status é que os discursos contrários aparecem. Selecionamos para análise as postagens com o maior número de curtidas e compartilhamentos. Em relação aos comentários, selecionamos apenas 2 (dois), pois os demais constituíam réplicas dos discursos já apresentados nos que foram selecionados. Isso posto, observamos a imagem a seguir:

Imagem 1: Campanha contra a ideologia de gênero



Disponível em: www.facebook.com/Não-a-Ideologia-de-Gênero . Acesso em 15 de Janeiro de 2018

Como se observa no enunciado apresentado, há uma campanha contra a Ideologia de gênero liderada por dois grupos religiosos: católicos e evangélicos. Quando atentamos para a posição axiológica do sujeito enunciadador, percebemos claramente o tom valorativo que é estabelecido através da postagem. Bakhtin afirma que “um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala é a entonação expressiva” (BAKHTIN, 2016, p. 48). No enunciado acima, o “NÃO”, além de aparecer em letras maiores, é utilizado linguisticamente para demarcar a oposição entre os sexos masculino e feminino. Estas categorizações ainda são enfatizadas pelas cores azul, para o





homem, e rosa, para a mulher, bem como com os símbolos que demarcam cada sexo.

Ao trazer o discurso religioso, é defendido um ponto de vista contra a ideologia de gênero e a favor da família. É importante destacar que a concepção de família defendida segue o molde tradicional, no qual é estabelecido claramente o que pertence ao sexo feminino e ao masculino. A *hashtag* “#juntospelafamília” estabelece uma relação dialógica com o discurso bíblico apresentado em Gênesis, uma vez que, implicitamente, o sujeito assume uma atitude responsiva diante da distinção entre o homem e a mulher e propaga um modelo-padrão da estrutura familiar: pai, mãe e filho, difundido pela religião. Sobre esta questão, Bakhtin (2016, p. 24-25) ressalta que “[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente)”.

Os grupos religiosos, ao dizerem “Não à ideologia de gênero”, desconsideram as questões relacionadas à identidade de gênero, orientação sexual e às composições de famílias que não estão de acordo como os padrões socialmente estabelecidos. Além disso, disseminam o preconceito, a intolerância e a ideia de que todos são iguais. O movimento contra a ideologia de gênero ao propagar que este tema não deve ser discutido na escola, apresenta alguns pontos conflitantes: desconsidera a liberdade de expressão de um grupo em evidência e tenta inculcar nas cabeças das crianças que há apenas um modelo familiar e que a diversidade sexual não existe.

Ao estabelecer as categorizações masculino e feminino e dizer o que pertence a cada sexo, tenta-se pregar um ideal de igualdade que não corresponde à diversidade existente. Esta concepção de que tratar da ideologia de gênero é incentivar a criança à homossexualidade se insere numa posição conservadora que se instaurou no país nos últimos anos e que também defende o movimento da escola sem partido. Os preceitos propagados por estes movimentos desconsideram o que é apresentado na Constituição Brasileira (1988), no artigo 3, inciso IV, ao afirmar que constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: “promover o bem de todos, sem preconceitos de

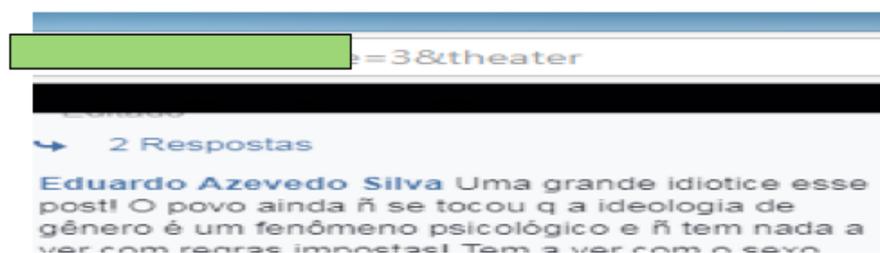




origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Portanto, ao retirar da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a abordagem em torno de temas relacionados ao gênero e orientação sexual e, com isso, não abrir espaços para discutir a ideologia de gênero na escola é tentar silenciar um público que vem crescendo bastante e ainda uma forma de tratar o assunto como um desvio da conduta humana.

Considerando que o enunciado é constituído de uma parte verbal (o que é expresso linguisticamente) e uma extraverbal (que inclui o espaço, o tempo, a posição do sujeito perante o que é dito), percebemos, na imagem 1, que ao dialogar com o ponto de vista do cristianismo há uma valoração do dizer estabelecida a partir da posição assumida: os católicos e evangélicos são contra a ideologia de gênero e estão juntos pela valorização da família. Diante disso, concordamos com a ideia de que “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade a sua maneira” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999, p. 31). Desse modo, a campanha criada pelos católicos e evangélicos, ao se opor a uma discussão e até mesmo a uma maior aceitação sobre a diversidade sexual desconsidera que o gênero não é definido no nascimento da criança e que pode haver sujeitos diferentes dos padrões estabelecidos: ou se é homem ou é mulher. Para os defensores desses grupos, qualquer identidade de gênero que difere do que é concebido pela Bíblia constitui um pecado, conforme podemos ver nas postagens a seguir:

Imagem 2: Comentário postado no Facebook

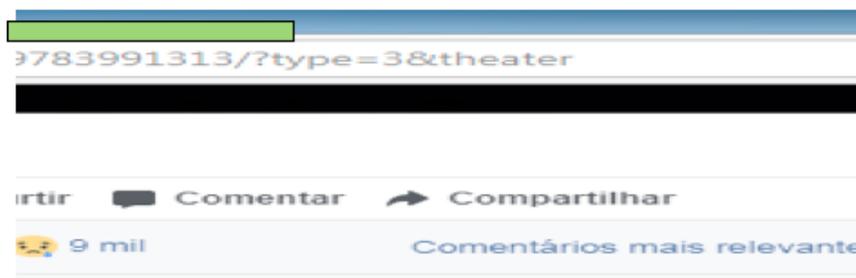


Disponível em: www.facebook.com. Acesso em 15 de Janeiro de 2018.





Imagem 3: Comentário postado no Facebook



Disponível em: www.facebook.com. Acesso em 15 de Janeiro de 2018.

Imagem 4: Postagem no Facebook



Disponível em: www.facebook.com/Não-a-Ideologia-de-Gênero. Acesso em 18 de Janeiro de 2018.

Os discursos apresentados nos dois comentários (imagem 2 e 3) dialogam com o discurso apresentado na imagem 4. Percebemos que, ao ser trazido o discurso bíblico: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (GÊNESIS, 1: 27) é estabelecido um tom emotivo-valorativo ao já-dito. Comungamos com a ideia de Bakhtin (2016) ao enfatizar que ao trazer a palavra do outro para a minha palavra há uma reenunciação do já-dito, ou seja, “[...] uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão” (BAKHTIN, 2016, p. 53). Desse modo, imprimimos nossas convicções, crenças e ideologias. Tal discurso é refratado e valorado de acordo com as posições que defendemos. No comentário apresentado na imagem 2, ao remeter ao discurso bíblico, o sujeito se opõe à discussão sobre a homossexualidade na escola. No enunciado “sejam o que vcs quiserem dps acertem as contas com Deus”, percebemos um discurso que reafirma que “para os cristãos, a





homossexualidade é um “pecado”, um desvio sexual, pois viola o padrão de sexualidade designado pela Bíblia Sagrada” (SILVA; FRANCELINO, 2017, p. 37). Além disso, há no comentário uma posição contrária ao tratamento da questão de gênero para as crianças, pois, segundo o enunciador, estaria manipulando-as e conduzindo ao pecado.

Outro aspecto interessante a se observar no comentário apresentado na imagem 2 é o uso da expressão “Esse povo quer fazer de tudo e qualquer reação das pessoas eles falam que estão pregando o ódio, preconceito. Vão se lascar”. Este trecho do comentário revela um posicionamento contra a homossexualidade e propaga a ideia que os sujeitos não precisam considerar o fato como algo natural. Nesse sentido, concordamos com Silva e Francelino (2017, p. 148-149) ao se reportar à ideologia religiosa que considera a homossexualidade como uma anormalidade ao dizer que “as vozes apresentadas estão carregadas de uma valoração negativa, de um tom crítico”. O enunciado “vão se lascar” pode ser considerado como uma forma de dizer “eu não estou nem aí para o que vocês pensam” e reforça a ideologia cristã assumida pelo enunciador.

No comentário 2 (imagem 3) está explícita a posição assumida: o sujeito também é contra a ideologia de gênero e associa essa posição axiológica à impossibilidade de pessoas do mesmo sexo poderem gerar outro ser, propagando, assim, o modelo de família tradicional. Tal concepção apresenta uma relação dialógica com o artigo 226, inciso 3º da Constituição Brasileira, que estabelece que “para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento”. Apesar de ter havido uma mudança na lei, uma vez que já é permitido no Brasil o casamento de pessoas do mesmo sexo, o modelo de família que é valorizado gira em torno da heteronormatividade. Através da expressão “Vão falar que é preconceito, mas é um princípio”, o enunciador apóia-se, sobretudo, no discurso bíblico para enfatizar o modelo de família tradicional.

Percebemos que as vozes apresentadas nos comentários ratificam a intenção de se opor à ideologia de gênero e implicitamente dialogam com o que é apresentado na imagem 4. “A ideologia de Gênesis” é uma forma de evidenciar a





não aceitação do que se tem propagado nos últimos tempos diante da variedade de gênero. O enunciado “Eu apoio a Bíblia” constitui-se numa forma de dizer “eu sou cristão” e estou a favor da moral e dos bons costumes. A campanha liderada pelos evangélicos e católicos trata-se de uma doutrinação ideológica, que busca desviar da escola e também da família qualquer discussão sobre o assunto.

Ao ser trazido o discurso bíblico de Gênesis para enfatizar a luta contra a Ideologia de gênero, percebemos que mesmo se utilizando do discurso de outro, o enunciado apresenta uma singularidade, pois novos sentidos podem ser produzidos. Diante disso, Bakhtin (2016, p. 95) afirma que “o enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular e que, ademais, tem relação com o valor”. Portanto, ao trazer o discurso do outro ressignificamos o que já foi dito e atribuímos novos valores a esse dizer. Assim, o discurso religioso é trazido não apenas para enfatizar um princípio cristão, mas para valorar o que é dito e demarcar a posição defendida contra a Ideologia de gênero.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da discussão apresentada no decorrer deste trabalho, reafirmamos que analisar os discursos sob a ótica dos estudos bakhtinianos significa perceber as relações dialógicas estabelecidas. A partir do *corpus* selecionado, vimos que através de elementos verbo-visuais estão presentes ecos discursivos que são valorados de acordo com a posição ideológica assumida pelo enunciadador. Desse modo, o discurso do outro, ao ser retomado, passa por um processo de discursivização, em que são imprimidos pelos sujeitos os seus valores sociais. Portanto, para analisar um enunciado, enquanto uma unidade da comunicação discursiva, é preciso observar a relação como outros enunciados e perceber que os sujeitos, ao se depararem com determinados discursos, assumem uma atitude responsiva e, a partir disso, são conduzidos a fazer uma avaliação, assumindo uma posição axiológica, refratando e valorando a realidade.





Ao analisar os enunciados que se posicionam contra ideologia de gênero, observando as relações dialógicas apresentadas e ainda como os discursos religiosos são retomados para valorar e refratar o que é dito, percebemos que campanhas que se opõem à ideologia de gênero utilizam um discurso em favor da família e, para isso, trazem o discurso bíblico apresentado em Gênesis para estabelecer as diferenças entre o sexo masculino e feminino e ainda propagar um modelo de família tradicional.

Os discursos apresentados nas campanhas contra a ideologia de gênero evidenciam uma valoração negativa em relação à diversidade de gênero e reafirmam a posição ideológica de uma frente conservadora instalada no país nos últimos anos que defende que não é papel da escola discutir sobre o assunto e/ou desenvolver atividades voltadas à orientação e diversidade sexual, o que acarreta na ausência de uma discussão voltada para o respeito, a tolerância e a liberdade de expressão do grupo LGBTI. Não respeitar a diversidade de gênero e orientação sexual é ferir os direitos humanos e se opor ao um grupo que apresenta uma grande visibilidade no cenário atual. Tal posicionamento surgiu em defesa de uma ideologia religiosa cristã que defende que Deus fez o macho e a fêmea e qualquer “desvio” desse padrão é considerado um pecado e, em favor da família e dos bons costumes, não deve ser estimulado a uma aceitação na sociedade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. (Volochnov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.





BAKHTIN, M. M. O discurso em Dostoiévski. In: _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BÍBLIA SAGRADA. A. T. Gênesis. In: **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João. Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: 1995.

BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC 2ª versão**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2018.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

KEIMAC, L. Algumas considerações sobre o conceito de valoração no Círculo de Bakhtin. In: SILVA, F. N.; XAVIER, M. M.; ALMEIDA, M. de F.; FRANCELINO, P. F. (Orgs.). **Relações dialógicas e(m) campos da comunicação discursiva: teoria, análise e questões de ensino**. João Pessoa: Ideia, 2017, p 17-36.

SILVA, M. P. B. da; FRANCELINO, P. F. Dialogismo e Polifonia em reportagem sobre a “cura gay”. In: COSTA, J. C. de L.; FRANCELINO, P. F. (Orgs.). **Linguagem, discurso e religião: diálogos e interfaces**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, p.135-153.

SILVA, M. P. B. da; FRANCELINO, P. F. Dialogismo e Polifonia na reportagem o perigo da mordaca gay, de cristianismo hoje. In: SILVA, Fabíola N.; XAVIER, M. M.; ALMEIDA, M. de F.; FRANCELINO, P. F. (Orgs.). **Relações dialógicas e(m) campos da comunicação discursiva: teoria, análise e questões de ensino**. João Pessoa: Ideia, 2017, p.37-50.

PEREIRA, R. A.; RODRIGUES R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

VOLOCHINOV, V. N. [1926]. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi; edição e supervisão da tradução de Valdemir Miotello. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.

